

Aqui, onde acaba a estrada

texto
e encenação
IGOR
LEBREAUD



**A ESCOLA
DA NOITE**

O fim da estrada

SARABELA

Quando eu nasci,
já a guerra era antiga.
Já ninguém sabia como começara
ou porquê,
mas continuava, ainda,
mais velha que os meus pais e os meus avós,
mais antiga que os pais dos avós dos meus avós.

Espanha, 2014. Polícia dispara balas de borracha e gás lacrimogéneo contra imigrantes que tentam chegar a nado à praia de El Tarajal, em Ceuta.

Hungria, 2015. Governo conclui a instalação de uma vedação de arame farpado com 41 quilómetros, ao longo da fronteira com a Croácia, para travar o fluxo de imigrantes. Uma vedação semelhante, com 175 quilómetros, havia já sido edificada na fronteira com a Sérvia.

Itália, 2019. Governo proíbe durante três semanas a atracagem do navio Open Arms, que transportava 147 pessoas resgatadas no Mar Mediterrâneo, ao largo da costa da Líbia.

Reino Unido, 2022. Primeiro-ministro anuncia plano para deportar para o Ruanda imigrantes que entrarem ilegalmente no país.

Espanha, 2022. Mais de trezentos imigrantes são agredidos enquanto agonizam ao sol, numa vala encostada à vedação que haviam saltado, entre Marrocos e Melilla. Primeiro-ministro elogia actuação das polícias marroquina e espanhola.

Quando nos lembramos destes acontecimentos, sabendo que são apenas exemplos, percebemos que o conceito de “Europa-fortaleza” está longe de ser uma metáfora. Entendemos melhor quais são

os “valores europeus” defendidos por quem governa os países da “Europa civilizada”. Torna-se uma evidência que “a guerra” não começou agora, que “a guerra” não acabou nunca. Apenas parecia mais longe, enquanto as vítimas não eram tidas como “a nossa gente”, enquanto “não atentava contra o nosso modo de vida, o nosso poder de compra e a nossa segurança (incluindo económica)”. Talvez um dia alguém peça desculpa pelo que hoje está a ser feito, em nosso nome e por governos que elegemos. Entretanto, o portão está fechado e há gente a morrer.

Mas isto são notícias e opiniões publicadas. É outro o lugar do Teatro. Tal como Clausewitz, o actor polaco que foge da II Guerra Mundial em “Novas Diretrizes em Tempos de Paz”, de Bosco Brasil, nós não sabemos carregar uma arma nem curar uma ferida. Podemos apenas estar presentes. “E guardar na memória”.

Para exorcizar o seu “sentimento de impotência”, Igor Lebreaud escreveu uma peça fora de qualquer “tempo ou lugar concreto”, este “eco do passado e do futuro” que agora ganha forma de espectáculo. No ano em que comemoramos o trigésimo aniversário da companhia, festejamos também a estreia na escrita teatral e na encenação de um

actor da casa, que há 13 anos contribui, todos os dias, para fortalecer o grupo, para a construção da nossa linguagem, para clarificar as escolhas sobre o que queremos e precisamos de dizer, para a reflexão colectiva – de que não abdicamos – sobre a ética no acto de criação artística. Ao oferecer-nos a possibilidade de fazermos nosso o texto que escreveu, o Igor permite-nos partilhar com o público o orgulho que sentimos por tê-lo connosco. Beneficiando do privilégio de sermos seus companheiros de estrada, encontramos nesta obra outros ecos, de passos que demos em conjunto. Isso torna tudo mais bonito. E ajuda-nos a formular sentidos para o que vimos fazendo.

“A minha arte é estar aqui convosco / E ser-vos alimento e companhia na viagem” – escreveu José Mário Branco, sem perder a esperança, nem a força, nem a alegria.

É que não é pouco, isto de nos fazermos juntos ao caminho e de juntos desafirmos os fins da estrada que tentam impor-nos.

A Escola da Noite
Setembro de 2022



Na inexorável marcha da humanidade através dos tempos, basta um breve olhar por cima do ombro para constatar que, quando uma guerra termina, logo há outra que começa. A barbaridade repete-se e reinventa-se, com dentes e garras erguendo-se sobre o amanhã.

Em 2018, decidi aventurar-me na escrita de um texto teatral que ajudasse, de alguma forma, a exorcizar o meu sentimento de impotência perante este incessante ciclo de violência. Mas como abordar o assunto? Onde e quando situar a acção? Falar da Síria ou da Faixa de Gaza? Da Segunda Guerra Mundial ou do Êxodo bíblico?

Apercebi-me então que necessitava de uma ficção que funcionasse como um eco do passado e do futuro. A acção não podia decorrer em nenhum tempo ou lugar concreto, porque tinha de ocorrer em todos os tempos e em todos os lugares. A língua estrangeira não podia ser nenhuma que existisse, mas sim um artifício que cruzasse vários idiomas. De súbito, ressurgiram duas ideias, que há muito me acompanhavam: o título e a imagem de um Portão no meio do deserto, ao qual chegava uma família arrastando uma caixa. Foi assim que, em três dias e de um só fôlego, arranquei à folha em branco o primeiro rascunho de “Aqui, onde acaba a estrada”.

Decorridos quatro anos, após uma vintena de revisões

e uma leitura pública, eis que tenho o privilégio e a responsabilidade de colocar em cena a minha primeira peça de teatro.

Tratando-se de um texto deliberadamente lacónico nas indicações cénicas, foi necessário descobrir uma forma de o abordar. O nosso ponto de partida foi o equilíbrio entre tragédia grega e drama contemporâneo, entre poesia e terror, entre barreiras intransponíveis e fronteiras fictícias. É assim que, por exemplo, Sarabela funciona como Corifeu e o Portão desdenha de convenções espaciais. No processo de tornar físico e concreto o que começara como pensamento abstracto, dei por mim rodeado de pessoas dotadas de uma imensa sensibilidade, inteligência e paixão. A confiança, entrega e criatividade de toda a equipa exige de mim mais gratidão do que algum dia saberei expressar.

É por isso que “Aqui, onde acaba a estrada” já não me pertence. É de toda a gente que fez parte desta viagem, de todas as pessoas que se juntam agora a nós, enquanto público. É de todas e todos que continuam a caminhar na esperança de, um dia, atravessar o Portão e que, légua após légua, vão entregando as suas canções ao vento.

Sim, uma guerra termina e outra começa. A estrada, porém, não acaba aqui.



IGOR LEBREAUD nasceu em Pombal, em 1985. Iniciou o seu percurso teatral no Teatro Amador de Pombal. Após a conclusão da Licenciatura em Estudos Artísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, realizou um estágio de actuação n'A Escola da Noite, integrando os elencos dos espectáculos "Este Oeste Éden" (encenação de Sílvia Brito) e "Atravessando as palavras há restos de luz" (enc. António Augusto Barros), ambos em 2009. Ainda na companhia, integrou os elencos de mais dezasseis espectáculos, trabalhando com os encenadores António Augusto Barros, Sofia Lobo,

Cândido Pazó, José Russo e Rogério de Carvalho. Foi co-encenador dos espectáculos "Santíssima Apunhalada", de Antonio Onetti (2012, com Miguel Magalhães) e "Desmesura", de Hélia Correia (2019, com Sofia Lobo e Jarbas Bittencourt). Em 2011, foi assistente de encenação em "Animais Nocturnos", de Juan Mayorga, dirigido por António Augusto Barros. Dirige com regularidade oficinas de teatro para grupos escolares (ensino secundário e superior). É co-coordenador, pela parte d'A Escola da Noite, do Clube de Leitura Teatral, iniciativa co-produzida com o Teatro Académico de Gil Vicente.



fotografias de ensaio
Eduardo Pinto

Aqui, onde acaba a estrada

texto e encenação IGOR LEBREAUD

interpretação ANA TERESA SANTOS, HUGO INÁCIO,
MARGARIDA DIAS, MIGUEL MAGALHÃES, RICARDO KALASH
figuração DIOGO LOBO

cenografia JOÃO MENDES RIBEIRO
figurinos e adereços ANA ROSA ASSUNÇÃO
desenho de luz DANILO PINTO
sonoplastia ZÉ DIOGO
vídeo e fotografia EDUARDO PINTO
cabelos CARLOS GAGO

direcção técnica e de montagem RUI VALENTE
 execução de cenografia CARPINTARIA OLIVEIRA SÉCIO,
 JOÃO PAULO SANTOS - SERRALHARIA
 execução de figurinos ALDA CLEMENTE, ELSA RAJADO
 montagem DANILO PINTO, DIOGO LOBO, RUI VALENTE,
 ZÉ DIOGO
 operação de luz DANILO PINTO
 operação de som e vídeo ZÉ DIOGO
 direcção de cena MIGUEL MAGALHÃES
 produção e comunicação EDUARDO PINTO,
 PEDRO RODRIGUES
 grafismo ANA ROSA ASSUNÇÃO

limpeza e bar CLÁUDIA NATIVIDADE
assistentes de sala AMABILE BEZINELLI, ANDREIA NATIVIDADE,
JOANA MOURA FERREIRA, JOÃO SOUSA, PATRÍCIA MENDONÇA,
PEDRO COSME

A ESCOLA DA NOITE

TEATRO DA CERCA
DE SÃO BERNARDO
3000-097 Coimbra
PORTUGAL
tel. 239 718 238
telm. 966 302 488
geral@aescoladanoite.pt
www.aescoladanoite.pt

2022 | 73ª PRODUÇÃO



TEATRO
DA CERCA
DE SÃO
BERNARDO



Financiamento



RESTAURANTE
O PÁTIO

